

Fala reduzida em sujeitos afásicos e outros registros

(Reduced speech in agrammatic subjects and other registers)

Lou-Ann Kleppa

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Rua Sérgio Buarque de Holanda, no 571

Caixa Postal 6045 - CEP 13083-970

Campinas - SP – Brasil

loukleppa@yahoo.com

Abstract: This study is developed within the Adaptation Theory framework, developed by Kolk and co-workers, and attempts a characterization of agrammatic speech. The speech of two Brazilian agrammatic subjects is contrasted with other registers: telegrams, informal speech of non-aphasic adults, headlines from televised and printed news. Our results contradict the results obtained for German and Dutch speakers, in the sense that agrammatic speech is not syntactically similar to the other registers in respect to word order. These differences imply terminological issues, so that we suggest the terms *elliptical speech* and *telegraphic speech* be no longer applied to address the speech of agrammatic subjects. Instead, we propose the term *reduced speech* to characterize any register which is based on simple syntactic form and nonfiniteness.

Key-words: *agrammatism; reduced speech; nonfiniteness; topic-comment structures*

Resumo: Este estudo pretende caracterizar a fala de sujeitos agramáticos, tomando como base a Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e colaboradores. A fala de dois sujeitos agramáticos brasileiros é contrastada com outros registros: telegramas, fala informal de sujeitos não-afásicos e manchetes de jornais impressos e televisivos. Os resultados contradizem os resultados obtidos para falantes de alemão e holandês, no sentido de que a fala dos sujeitos agramáticos não é sintaticamente semelhante aos outros registros, no que se refere à ordem de palavras. Estas diferenças implicam questões terminológicas, de modo que sugerimos o abandono dos termos *fala elíptica* e *fala telegráfica* para caracterizar a fala de sujeitos com agramatismo, propondo o termo *fala reduzida* para referir a qualquer registro que faça uso de uma forma sintática simples e não-finita.

Palavras-chave: *agramatismo; fala reduzida; não-finitude; estruturas tópico-comentário*

Introdução

Este trabalho está inserido no projeto de tese da autora, em que a Teoria da Adaptação é usada como quadro teórico para discutir o que chamamos de *fala reduzida* em sujeitos afásicos. Esta teoria foi desenvolvida por Kolk e colaboradores (Kolk & Van Grunsven, 1985; Kolk, Van Grunsven & Keyser, 1985; Kolk, Heling & Keyser, 1990; Kolk & Heeschen, 1990, 1992, 1996; Hofstede, 1992; Kolk & Hofstede, 1994; e Kolk, 1995, 2001, 2006, 2007) para descrever e explicar a fala agramática de falantes de holandês, alemão e inglês.

A grande diferença entre abordagens tradicionais e a Teoria da Adaptação é que, nesta última, a fala agramática não é vista como um sintoma da lesão cerebral, mas sim como uma estratégia adaptativa que o falante agramático encontrou para contornar o seu problema de linguagem. Nas palavras de Kolk & Van Grunsven (1985: 373): “So the theory that follows is not a theory of the impairment but of the way the patient adapts to his impairment.”

Segundo este aporte teórico, o distúrbio lingüístico do agramático consiste na incapacidade de preencher os espaços sintáticos de uma oração em um tempo aceitável de fala. Produzir sentenças completas demandaria muito tempo, de modo que o interlocutor do sujeito afásico ou completaria as suas sentenças, falando por ele, ou simplesmente desistiria da conversa. Como o falante agramático precisa de mais tempo que um falante não-afásico para encontrar e articular as palavras que quer produzir e tem consciência dessa pressão temporal a que está submetido numa situação interativa, ele planeja uma fala sintaticamente simplificada. Afásicos com agramatismo têm consciência de suas dificuldades de produção de linguagem e performam dois tipos de monitoramento da própria fala, que fazem aumentar o seu tempo de fala. Segundo Kolk & Van Grunsven (1985) estas estratégias são:

1. *preventiva* (as pausas indicam que estão se esforçando para encontrar a palavra mais adequada) e
2. *corretiva* (as interrupções e correções da própria fala indicam que estão reformulando suas escolhas lexicais).

Neste sentido, o *agramatismo* é caracterizado como uma *fala simplificada num tempo de fala maior*. Para a Teoria da Adaptação, esta fala é o resultado de um planejamento de sentenças simplificadas (ou incompletas), com uma característica marcante: é não-finita (*nonfinite*). Há dois modos de não marcar finitude: ou não há verbos nas sentenças, ou não há marcas de finitude nos verbos, de modo que aparecem formas verbais no infinitivo, particípio, gerúndio ou imperativo. Esta fala simplificada é chamada de *fala telegráfica* ou *fala elíptica*.

A questão terminológica merece ser investigada. Para a Teoria da Adaptação, os termos *fala telegráfica* e *fala elíptica* são intercambiáveis e aplicáveis a vários registros: fala de sujeitos afásicos com agramatismo, fala de crianças em processo de aquisição de linguagem e fala informal de sujeitos não-afásicos (ver Kolk, 2001, 2006), assim como telegramas (ver Tesak, 1994). Kolk e colaboradores afirmam que a diferença entre sujeitos agramáticos e não-afásicos é que sujeitos agramáticos abusam (*overuse*) de estruturas simplificadas e possíveis numa certa língua. Segundo Kolk (2006: 245) sujeitos não-afásicos holandeses produzem por volta de 10% de fala elíptica quando

envolvidos numa conversa informal, ao passo que sujeitos agramáticos holandeses produzem cerca de 60%.

No tocante à estrutura sintática, Kolk e colaboradores apontam para semelhanças entre a fala de sujeitos agramáticos alemães e holandeses e outros registros. Os dados de dois sujeitos brasileiros, afásicos com agramatismo, identificados pelas siglas MS e OJ, porém, demonstram que sua fala não é sintaticamente semelhante a outros registros (telegramas, fala informal de sujeitos não-afásicos, manchetes de jornal impresso e televisivo). Para evitar a comparação direta com telegramas e contornar o problema imposto pela assunção de que sujeitos agramáticos omitem palavras funcionais, propomos o termo *fala reduzida* para descrever a fala de sujeitos afásicos com agramatismo, sujeitos não-afásicos, telegramas e manchetes de jornal.

O que diferencia os enunciados de MS e OJ da fala reduzida encontrada nos outros registros é a ordenação das palavras. Todos os registros fazem uso da não-finitude, mas apenas os sujeitos afásicos tendem fortemente a não obedecer à ordem canônica das palavras. A estrutura mais abundante em seus dados é o sintagma isolado. Ao invés de estruturas Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), preferem estruturas de tópico-comentário. Assim, podemos dizer que o planejamento da fala reduzida em sujeitos agramáticos e telegramas e manchetes, por exemplo, não é o mesmo.

A fala de MS e OJ em números

MS tinha 60 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (quatro anos post-onset) e sofreu um AVC (acidente vascular cerebral, ou derrame) em 2002. Ele apresenta fala reduzida e anomia, além de hemiplegia à direita. Tomando como referência o momento em que foi entrevistado pela primeira vez, participava das atividades do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) fazia dois anos. A maioria dos empregos que teve antes do derrame eram fortemente ligados à produção de linguagem: trabalhou como ator de teatro, professor de inglês em cursinho preparatório para o Vestibular, diretor de um programa televisivo, guia turístico no Paraguai e jornalista no Reino Unido. É graduado em Letras e lê freqüentemente. Seus dados correspondem a uma sessão de uma hora de duração de conversa informal com a autora deste artigo e sua orientadora.

OJ tinha 55 anos quando foi entrevistado pela primeira vez (13 anos post-onset) e sofreu dois AVCs consecutivos em 1993. Segundo ele, não falou uma palavra durante os primeiros seis anos após o episódio neurológico, e apenas produzia ‘pápápá’. Ele apresenta fala reduzida e anomia, além de hemiplegia à direita. OJ havia recentemente iniciado sua participação nas atividades do CCA, portanto ainda não estava familiarizado com o local ou as pessoas que nele trabalham. Antes dos derrames, OJ trabalhava como vendedor de peças de televisão para lojas especializadas. Diferentemente de MS, OJ não teve ensino superior, tem dificuldade para ler (mal distingue letras isoladas), não escreve e somente fala português. Os dados de OJ correspondem a recortes de várias sessões, que juntos somam uma hora de duração.

A *Tabela 1* foi gerada para que se tenha uma visão geral da fala espontânea de MS e OJ. Ela obedece a três principais divisões que orientam a caracterização da fala de MS e OJ em interações informais, a saber: marcas da interação dialógica, unidades sem verbo finito e unidades com verbo finito.

Na categoria *respostas positivas ou negativas* estão agrupadas unidades em que o sujeito afásico confirma ou nega a afirmação do interlocutor através de *não, isso ou sim*, ou ainda repete a assunção do interlocutor, (como por exemplo: Ilk: *também?* OJ: *também*). Além do mais, pequenos reparos à fala do outro, como por exemplo *não, cinco* também figuram nesta categoria. Na categoria *marcadores conversacionais* estão agrupadas unidades como por exemplo *mh* ou *é*, que exercem a função de mostrar ao interlocutor que o sujeito está acompanhando o diálogo. Por fim, no conjunto das *não-palavras e fillers* estão todas as tentativas articulatórias além de *fillers* como *ãh* e *é::hm* ou os *aqui, ó* de OJ.

Predicados isolados corresponde a sintagmas isolados (por exemplo *maravilha!* de MS). Vale lembrar que repetições de um sintagma isolado em turnos diferentes são contadas separadamente, ao passo que repetições seguidas, como por exemplo as de OJ: *antes, antes, antes* são desconsideradas na tabela abaixo. Uma última observação concernente a esta categoria é que não consideramos todos os números que OJ enumera até chegar no algarismo desejado, como vimos no episódio anterior. Nestes casos, apenas o número-alvo conta. *Coordenação de dois sintagmas* corresponde à junção de dois predicados isolados, sejam eles do mesmo tipo (SN, por exemplo, como no enunciado de MS: *Santos (movimenta a mão, mostrando que está seguindo um caminho) Paris.*) ou não (como por exemplo neste enunciado de MS: *Sempre numa sexta-feira*). *Hanging topics* são a versão elíptica de estruturas de tópico-comentário. Exemplos de MS e OJ serão dados em (9) a (12) e (14) a (16), adiante.

Tabela 1: Caracterização da fala espontânea de MS e OJ

| | MS | | OJ | |
|-----------------------------------|-----------|--------|-----------|--------|
| Duração da conversa espontânea | 58' 48'' | | 58' 15'' | |
| Número de turnos | 600 | | 575 | |
| Marcas da interação dialógica | 387 | | 350 | |
| Respostas positivas ou negativas | 180 | | 267 | |
| Marcadores conversacionais | 82 | | 19 | |
| Não-palavras e <i>fillers</i> | 125 | | 64 | |
| Unidades sem verbo finito | 201 | | 277 | |
| Predicados isolados | 160 | | 226 | |
| Coordenação de dois sintagmas | 11 | | 7 | |
| Hanging topics | 30 | | 44 | |
| Unidades com verbo finito | 84 | | 47 | |
| Sentenças completas | 53 | 31 SVO | 30 | 18 SVO |
| | | 16 TC | | 12 TC |
| | | 6 VP | | - |
| Sentenças incompletas | 24 | | 15 | |
| Sentenças com <i>afterthought</i> | 3 | | 1 | |
| Sentenças abortadas | 4 | | 1 | |

Sentenças completas apenas são completas porque tomamos o verbo flexionado como núcleo de sentença. Dado que a língua portuguesa é *pro-drop*, ou seja, permite que pronomes pessoais em posição de sujeito sejam omitidos, já que as marcas de concordância de pessoa e número estão codificadas na flexão verbal, sentenças como por exemplo a exclamação de MS *Melhorei!* foram consideradas 'completas', mas

discretizadas como VP. Estruturas de tópico-comentário (TC), em que o tópico geralmente anuncia um referente sobre o qual se faz um comentário, como por exemplo o enunciado de MS *Colômbia. Fui.* ou o de OJ *derrame? acabou* igualmente figuram como ‘sentenças completas’. Por fim, sentenças que obedecem à ordem canônica do português (SVO), como por exemplo o enunciado de MS *Eu casei com ela* ou de OJ *Campinas é aqui* integram o grupo de ‘sentenças completas’. *Sentenças incompletas* são aquelas que os sujeitos afásicos estavam formulando, mas deixaram incompletas porque foram interrompidos por suas interlocutoras que tentam adivinhar o que querem dizer. Igualmente são consideradas incompletas as sentenças em que elementos funcionais esperados estão ausentes, como por exemplo a sentença de MS *Eu acho que desvendar muito*. Por fim, respostas curtas como por exemplo de MS: *Eu não podia* ou OJ: *esqueceu* são consideradas incompletas porque a grade argumental do verbo não está preenchida e o elemento ausente precisa ser recuperado no enunciado do interlocutor. *Afterthought* é uma estrutura pouco descrita na literatura, e corresponde, formalmente, a uma estrutura de tópico-comentário às avessas, também chamada de *anti topic* (Chafe, 1976: 54), como por exemplo acontece num enunciado de MS: *Eu tenho um filho. Trinta anos*. Por fim, as *sentenças abortadas* são aquelas que foram interrompidas pelo falante e são seguidas de tentativas articulatórias, pausas ou reformulações.

Se quisermos comparar a fala espontânea de MS e OJ com outros registros em que a fala reduzida se faz notoriamente presente, devemos desconsiderar todas as marcas interacionais do diálogo, porque estas não estão presentes em telegramas ou manchetes de jornal. Se focarmos a atenção apenas nos enunciados com e sem verbo finito, perceberemos que a não-finitude é bastante produtiva para os dois sujeitos afásicos cuja fala é examinada aqui. Se tomarmos o total de 285 sentenças de MS (201 + 84), notaremos que 70,5% de sua fala espontânea é composta pelo que chamamos de fala reduzida. Se aplicarmos o mesmo cálculo para OJ, tomando o total de 324 sentenças (277 + 47), notaremos que 85,5% de sua fala espontânea é composta pelo que chamamos de fala reduzida. Estes valores podem indicar uma atitude mais adaptativa de OJ que de MS, que produz um número maior de sentenças que obedecem à ordem canônica das palavras.

Reduzindo o foco para as sentenças não-finitas, ou seja, a fala reduzida, percebemos que para os dois sujeitos afásicos a enunciação de sintagmas isolados (principalmente SNs) é muito produtiva. Assim, nomes de pessoas ou lugares se tornam pontos de referência tanto para o falante como para o ouvinte, que é convidado a co-construir o diálogo, tendo como ponto de partida o conhecimento compartilhado com o enunciadador.

Fala reduzida

O uso do termo *fala telegráfica* para descrever a fala de sujeitos com agramatismo implica numa aproximação entre o estilo adotado por escritores de telegramas e sujeitos cérebro-lesados engajados numa atividade comunicativa. Para verificar se esta aproximação é possível, aplicamos um experimento em que pedimos a pessoas de diversas faixas etárias, sociais e econômicas que escrevessem um telegrama de uma linha de acordo com algumas situações previamente elaboradas. Apresentamos dois exemplos de telegramas:

- (1) Emergência. Preso fronteira Brasil-Bolívia. Vender fusca e pagar fiança.

- (2) Venda Fusca para João (vg) pague fiança liberando-me prisão (pt)

As manchetes de jornal impresso foram coletadas de oito grandes jornais brasileiros (Correio Braziliense, Agora São Paulo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo, Gazeta Mercantil e Valor Econômico). Apresentamos dois exemplos de manchete de jornal:

- (3) Mais de dois quilômetros de sujeira no Paranoá (CB, 2/12/06)

- (4) PMs e Bombeiros na máfia das vans (CB, 17/11/06)

Em relação ao planejamento da fala, é plausível que telegramas e manchetes de jornal sejam elaborados com base em operações de apagamento. Enquanto o preço do telegrama for alto e enquanto as palavras não couberem no espaço reservado para a manchete de jornal, palavras serão apagadas das sentenças, resultando na fala reduzida. Estes dois registros são escritos, dando ao seu produtor um tempo indeterminado para ‘lapidar’ seu enunciado. Assumindo que manchetes de jornal televisivo sejam apenas veiculadas através da fala, mas originalmente escritas, apreciemos exemplos de manchetes recolhidas de quatro telejornais (Jornal da Record, Jornal da Band, Jornal Nacional e SBT Brasil):

- (5) No Chile, homenagem e protestos no funeral de Pinochet. (JR, 12/12/06)

- (6) Rio de Janeiro: roubo, perseguição e morte numa das avenidas mais movimentadas do país. (JR, 08/01/07)

Nestes registros, parece ser possível reconstruir uma sentença completa através da inserção de algumas palavras que supostamente foram elididas durante o planejamento das sentenças reduzidas. Esta estratégia de planejamento, que se baseia no apagamento de unidades lingüísticas, parece não se aplicar ao sujeito agramático:

Of course we do not want to believe that such an elliptical utterance is generated by an aphasic as a complete utterance form that is then partially deleted. The elliptical strategy would not prevent computational overload in such a case. Rather, we assume that an elliptical utterance is *directly* produced in its incomplete form. (HOFSTEDE 1992, p. 23 – 24)

O planejamento direto da fala reduzida parece acontecer não apenas na fala de sujeitos com agramatismo, mas também em interações informais entre sujeitos não-afásicos, como exemplificado a seguir, em que o contexto discursivo é compartilhado pelos participantes do diálogo. Os dados de interação informal não-afásica foram coletados de um diálogo do Projeto Norma Urbana Regional Culta (NURC):

- (7) um calor danado aqui no Rio de Janeiro e a gente de paletó e gravata... suando em bicas...

- (8) Bahia, muito agradável,

Observemos que nos registros que contam com o fator tempo, surgem estruturas de tópico-comentário. É possível, neste sentido, admitir que as estruturas apresentadas nos exemplo (6) a (8) sejam deste tipo. As estrutura apresentadas em (7) e (8) são

estruturas de tópico-comentário, mas não são tão frequentes na fala informal de sujeitos não-afásicos quanto na fala de sujeitos agramáticos. Estruturas de tópico-comentário são, em essência, a justaposição de um referente a seu comentário. Apontar um referente parece exigir um planejamento mais simplificado da fala do que tecer este referente numa malha sintática. Surge, então, a questão da ordem das palavras na sentença. Exemplificamos a fala de MS em (9) e (10), e de OJ em (11) e (12), abaixo:

(9) Ãh... ãh... ãh... ah...mh éh.. móa ... éh... ãh... na.mo.ra.do. Ah... a/ aqui... ou ... lá?

(10) É... e::u...China...

Em (9) podemos observar que MS pergunta à sua interlocutora se seu namorado mora/ está no Brasil ou no exterior. Em (10) entendemos que MS afirma que já esteve na China.

(11) e::u... derrame.

(12) almoçar? e aqui... toalha

Em (11), percebemos que OJ refere-se a si como vítima de um derrame. Já em (12) OJ constrói uma cena: quando chega a hora do almoço, ele põe a mesa.

Observamos a partir dos dados de MS e OJ que a fala reduzida apresenta a ordenação das palavras em estruturas de tópico-comentário ou *hanging topics*. Através do experimento dos telegramas, pudemos observar que a ordem das palavras dos telegramas é sempre (à exceção de 1 entre 70 telegramas) a ordem canônica, ou seja, SVO e que algumas palavras funcionais são omitidas deste esqueleto sintático. Manchetes de jornal frequentemente recorrem a construções de tópico quando empregam verbos flexionados (sendo que o tempo verbal mais produtivo é o presente do indicativo); e raramente recorrem a estruturas de tópico-comentário quando fazem uso de sentenças não-finitas, como exemplificamos em (6). A organização da fala em construções de tópico-comentário em contextos não-finitos é relativamente frequente na fala de sujeitos não-afásicos, mas os contextos não-finitos são relativamente raros nas conversas informais destes sujeitos. Além da vasta produção de sintagmas isolados, a estrutura de tópico-comentário em contextos não-finitos se mostrou uma característica marcante da fala reduzida de MS e OJ, que não é prevista pela Teoria da Adaptação.

Estruturas de tópico-comentário

Pontes (1987) foi provavelmente a primeira a afirmar que o português brasileiro é tanto uma língua de ordem SVO como de tópico-comentário, em que qualquer constituinte pode figurar como um tópico e o comentário é constituído de uma sentença em ordem SVO nos casos prototípicos. Segundo Jacobs (2001), há uma separação formal entre o tópico e o comentário (uma pausa, entonação ascendente no final do tópico, ou sinais gráficos, como por exemplo dois pontos, ponto final, ponto e vírgula, vírgula, ou mesmo uma linha em branco). Maslova & Bernini (2006) apontam para duas estratégias conceptuais de se codificar tópicos: ou figuram como ponto de referência, estabelecendo uma relação de ‘sobre isto tenho a dizer o seguinte’ (*aboutness*); ou

apontam para o cenário em que se dá a proposição expressa no comentário, no sentido de ‘aqui aconteceu o seguinte’ (*frame-setting*).

Belford (2006) comprovou através de dados do NURC que as estruturas de tópico-comentário são bastante freqüentes na fala carioca, mas não tão comuns como esperava. De qualquer maneira, quando Pontes e Belford se referem a construções de tópico, têm em mente estruturas em que há um certo grau mínimo de integração sintática entre o tópico e o comentário, ou seja, é possível atribuir um papel sintático ao tópico em relação ao comentário. Podemos citar como exemplo um dado retirado dos dados do NURC:

(13) Meu sítio, volta e meia eu faço uma festa junina.

Podemos atribuir ao tópico (*meu sítio*) o papel sintático de adjunto que descreve o espaço. Este adjunto, porém, não vem introduzido de preposição, o que, conforme Belford, é uma tendência comum: objetos deslocados não apresentam a preposição que os introduziria se estivessem em sua posição pós-verbal.

É comum que os tópicos nas estruturas de tópico-comentário sejam constituídos de um sintagma nominal, e que os comentários sejam formados por uma oração. Assim, é possível integrar o tópico à oração e atribuir-lhe um papel sintático. Quando, porém, o tópico e o comentário não extrapolam os limites do sintagma, a questão da integração sintática se torna problemática. Esta versão simplificada de estruturas de tópico-comentário é referida como *hanging topics*.

Hanging topic

Em *hanging topics* também há uma separação formal entre o tópico e o comentário e o tópico é ou um ponto de referência ou criador de uma cena para o comentário. A diferença entre as duas formas sintáticas é que não há integração sintática - mas semântica - entre o tópico e o comentário. Dois exemplos ilustrativos de *hanging topics* (um de cada função conceptual de tópico) produzidos por MS e OJ, respectivamente, são:

(14) Heloisa. Maravilha.

(15) Antes, antes, antes? Mudo.

Podemos observar que em (14), MS apresenta o tópico (*Heloisa*) sobre o qual faz um comentário (*maravilha*). OJ usa um tópico (*antes, antes, antes?*) para localizar no tempo o estado de coisas que pretende descrever no comentário (*mudo*), referindo-se aos seis anos que seguiram o AVC em que não falou. OJ chega a organizar suas narrativas em estruturas de *hanging topics*:

(16) (o assunto era a marca dos mil gols que o jogador Romário pretendia alcançar)

| | | |
|---|-----|---|
| 1 | Irn | uai, todo mundo fala dos mil gols do Pelé até hoje |
| | OJ | (inclina-se na direção de Irn, com o braço estendido e a palma da mão aberta) |
| 2 | | <u>Antes, antes, antes?</u> |
| | | (joga a mão para trás) |
| 3 | | dez, vinte, trinta |
| | | (conta nos dedos) |
| 4 | | quarenta anos atrás |
| 5 | Irn | mh |

| | | |
|----|-------|--|
| 6 | OJ | <u>Pelé mu:::ito bom</u> (junta as pontas do dedo e passa a mão na altura da boca, num gesto largo) |
| 7 | | mil gols (abre a palma da mão) |
| 8 | | <u>depois?</u> (faz movimentos circulares com a mão a partir do punho) |
| 9 | | ôtros. |
| 10 | Irn | qual que é o problema do Romário querê fazê mil gols a qualqué custo? |
| 11 | OJ | nô SEI (abaixa o braço um gesto definitivo) |
| 12 | Irn | porque por exemplo |
| 13 | OJ | NÔ SEI (repete o gesto de desprezo) |
| | Grupo | (risadas) (OJ: 27/03/07) |

Neste episódio, a pergunta expressa na linha 2 (*antes, antes, antes?*) não é direcionada à interlocutora, mas respondida por OJ, na linha 4 (*quarenta anos atrás*). O par de pergunta e resposta serve como tópico para o enunciado na linha 6, ambientando a cena a ser descrita num tempo remoto. Na linha 6, *Pelé* serve de tópico para o comentário *muito bom*, no sentido de estabelecer o referente. Um adendo, ou *afterthought*, é acrescentado, explicando por que *Pelé* era considerado muito bom: *mil gols*. Através de uma pergunta (*depois?*) OJ move-se deste cenário para outro, temporalmente posterior ao primeiro. A este tópico que estabelece uma referência temporal segue a resposta: *outros*. Não estamos autorizados a pensar que OJ formulou mentalmente sentenças completas, para omitir material de pouco peso lexical e enunciar uma *fala elíptica*, porque estas operações demandariam muito tempo e esforço cognitivo.

Considerações finais

Se quisermos usar um termo que descreva de maneira imparcial a maior parte da fala de sujeitos agramáticos, telegramas, algumas manchetes de jornal e uma pequena parte da fala informal de sujeitos não-afásicos, sugerimos o uso do termo *fala reduzida*. Este termo não alude ao apagamento de elementos lingüísticos, recuperáveis pelo contexto discursivo, como o faz o termo *fala elíptica*, nem faz referência a um registro em específico (telegramas), como o faz o termo *fala telegráfica*.

Uma característica da fala reduzida, comum aos registros estudados aqui, é a não-finitude. Todavia, os registros diferem no tocante ao seu planejamento e à frequência com que produzem fala reduzida. Assumimos que nos registros orais o planejamento da fala reduzida aconteça diretamente, ao passo que nos registros escritos o planejamento da fala reduzida envolva operações de apagamento de unidades lingüísticas. Este planejamento diferenciado se reflete na forma sintática: ao passo que os registros escritos mantêm a ordem canônica das palavras, os registros orais tendem a preferir a estrutura de tópico-comentário em detrimento da ordem SVO; preferindo, acima de tudo, sintagmas isolados.

Chegamos a estes resultados através do exame da fala reduzida em português, uma língua que admite estruturas de tópico-comentário. Os resultados para alemão e holandês não prevêm a possibilidade de construções deste tipo, nem apontam para as diferenças de planejamento entre os diferentes registros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELFORD, E. M. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolingüístico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

HOFSTEDÉ, B. T. M. *Agrammatic speech in Broca's aphasia: strategic choice for the elliptical register*. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.

JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. *Linguistics*, 39, p. 641 – 681, 2001.

KOLK, H. Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception. *Brain and Language*, 101, p. 99 – 102, 2007.

_____. How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia. In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) *The syntax of nonsententials*. Linguistik Aktuell, 93 John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 229 – 258.

_____. Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis. *Brain and Language*, 77, p. 340 – 351, 2001.

_____. A time-based approach to agrammatic production. *Brain and Language*, 50, p. 282 – 304, 1995.

KOLK, H., HEESCHEN, C. Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia. *Aphasiology*, 4, p. 221 – 232, 1990.

_____. Agrammatism, paragrammatism and the management of language. *Language and Cognitive Processes*, 7, p. 89 – 129, 1992.

_____. The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop. *Aphasiology*, 10, p. 81 – 96, 1996.

KOLK, H., HELING, G., KEYSER, A. Agrammatism in Dutch: two case studies. In: L. MENN & L. K. OBLER (Eds.) *Agrammatic aphasia*. John Benjamins Publishing Company, 1990.

KOLK, H., HOFSTEDÉ, B. T. M. The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker. *Brain and Language*, 47, p. 505 – 507, 1994.

KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M. J. F. Agrammatism as a variable phenomenon. *Cognitive Neuropsychology*, 2, p. 347 – 384, 1985.

KOLK, H., VAN GRUNSVEN M., & KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: M. L. KEAN. *Agrammatism*. London: Academic Press, Inc., 1985. p. 165 – 206.

MASLOVA, E., BERNINI, G. Sentence topics in the languages of Europe and beyond. *Pragmatic Organization of Discourse in the Languages of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. 8, 2006. p. 67-12.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Capinas: Editora Pontes, 1987.

TESAK, J. Dutch telegraphese. *Linguistics*, 32, p. 325 – 344, 1994.